

Patrimônio Líquido: Requalificação do Reservatório da Quinta da Boa Vista

Water Equity: Requalification of Quinta da Boa Vista Reservoir

Equidad: Mejora del embalse de Quinta da Boa Vista



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v14i2.3415>

Fanny Pontes de Macedo

Especialista em Gestão e Restauro do Patrimônio pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ/DAU/ESDI.

e-mail: fannypmacedo@gmail.com



<https://orcid.org/0000-0001-8210-8426>

Patrícia Regina Chaves Drach

Professora do Programa em Pós Graduação Urbanismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

e-mail: patricia.drach@gmail.com



<https://orcid.org/0000-0002-1548-4592>

Recebido em: 27/10/2021 – Aceito em 15/12/2021

Resumo: Há necessidade de proteger o patrimônio cultural para contar a história da paisagem e incentivar a relação da cidade com a gestão ambiental urbana e patrimonial. Sendo a água, elemento essencial para a existência humana, um patrimônio líquido, faz-se necessário valorizar e proteger esse bem. Este trabalho pretende analisar o reservatório da Quinta da Boa Vista, entendendo sua história e importância para a cidade. A partir da coleta de dados, são propostas estratégias de requalificação do reservatório e seu entorno capazes de incorporá-lo à vida da cidade. Para tal, propõe-se a criação de um "Museu da Água da Quinta da Boa Vista", com a retomada de seu uso, a criação de um espaço de apoio e de um percurso de chegada indicando o caminho das águas na cidade. Pretende-se, ainda, conectar o "Museu" ao campus da UERJ contribuindo para ocupação e segurança do lugar e para sua inserção na cidade.

Palavras-chave: patrimônio líquido; requalificação; reservatório da Quinta da Boa Vista.

Abstract: It seems to be a consensus, at least in theory, the relevance of acting in the protection of cultural heritage, both to tell the story of the landscape and to encourage the relationship of the city with the urban environmental management and heritage. As water is an essential element for human existence, man has developed, over time, infrastructures to transport and store water when it is not available nearby. Being an element of fundamental importance for the continuity of life, a liquid patrimony, it is necessary to value and protect this vital asset. This work intends to analyze the Quinta da Boa Vista reservoir, as a case study, to understand its history and its importance to the city of Rio de Janeiro. After collecting data on its history, use and current situation, we hope to propose strategies for the requalification of the reservoir and its surroundings capable of actively incorporating it into the life of the city. The requalification proposal involves the development of a "Quinta da Boa Vista Water Museum", in which the reservoir will have its use resumed, involves the creation of a support space and, also, the development of an arrival route able to relate the path of the waters in the city of Rio de Janeiro. The action proposes to connect the space of the "Museum" with the campus of Rio de Janeiro State University, contributing to the occupation and safety of the place and to its insertion in the city.

Keywords: equity; requalification; Quinta da Boa Vista reservoir.

Resumen: Parece ser un consenso, al menos en teoría, la relevancia de actuar en la protección del patrimonio cultural, tanto para contar la historia del paisaje como para fomentar la relación de la ciudad con la gestión ambiental urbana y el patrimonio. Como el agua es un elemento esencial para la existencia humana, a lo largo del tiempo el hombre ha desarrollado infraestructuras para transportar y almacenar el agua cuando no está disponible en las cercanías. Al ser un elemento de importancia fundamental para la continuidad de la vida, un patrimonio líquido, es necesario valorar y proteger este activo vital. Este trabajo pretende analizar el embalse de la Quinta da Boa Vista como estudio de caso para comprender su historia y su importancia para la ciudad de Río de Janeiro. A partir de la recopilación de datos sobre su historia, uso y situación actual esperamos proponer estrategias de recualificación del embalse y su entorno capaces de incorporarlo activamente a la vida de la ciudad. La propuesta de recualificación implica el desarrollo de un "Museo del Agua de la Quinta da Boa Vista", en el que se retomará el uso del embalse, implica la creación de un espacio de apoyo y también el desarrollo de una ruta de llegada capaz de relatar el recorrido de las aguas en la ciudad de Río de Janeiro. La acción propone conectar el espacio del "Museo" con el campus de la Universidad del Estado de Río de Janeiro, contribuyendo a la ocupación y seguridad del lugar y a su inserción en la ciudad.

Palabras clave: equidad; recalificación; embalse de Quinta da Boa Vista.

Introdução

Os reservatórios de água fazem parte não apenas da história da cidade e do estado do Rio de Janeiro, mas também do dia a dia da população, pois eles são elementos de suma importância para o abastecimento de água potável e, além da sua função técnica possuem valor arquitetônico e guardam um potencial natural e cultural aparentemente pouco explorado. Tendo em vista os inúmeros atrativos desses bens, torna-se necessário o incentivo para explorar esses espaços de maneira a aproximar a população de seus bens culturais e disseminar informação através de seus referenciais de cultura e lazer.

Dentre os reservatórios encontrados na cidade do Rio de Janeiro e seus arredores, o da Quinta da Boa Vista, construído em 1867 na chácara de propriedade João José Duarte e irmãos, chama a atenção pela sua proximidade com o Paço de São Cristóvão. Tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural - INEPAC (Número do processo: E-18/001.542/98), foi construído em 1867 e era também conhecido como Reservatório de São Cristóvão ou do Barro Vermelho (INEPAC, 2013). Dada sua localização no alto do Morro do Barro Vermelho ele possuía uma vista panorâmica da região da Quinta da Boa Vista e do bairro de São Cristóvão. Sua construção, entre as décadas de 1850 e 1880, ocorre no momento da construção de outros reservatórios na cidade do Rio de Janeiro (INEPAC, 2013) como o da Caixa Velha da Tijuca, no Alto da Boa Vista (1850), o do morro do Inglês, no Cosme Velho (1868) e o do morro do Pinto, também no Alto da Boa Vista (1874).

As obras para a construção dos reservatórios a partir da década de 1850, segundo INEPAC (2013), fizeram parte de um conjunto de medidas que visavam não só melhorar, bem como expandir o abastecimento de água na Capital do Império. Surge assim, o reservatório do Barro Vermelho ou da Quinta da Boa Vista, objeto de estudo dessa pesquisa em uma perspectiva de integrar suas ruínas e seus equipamentos adjacentes ao uso da cidade, trazendo, portanto, vida a essa proposta de um "Museu da Água da Quinta da Boa Vista". A requalificação indicada envolve ações diretamente no bem tombado, mas também em seu entorno e acesso e, ainda na comunicação entre o conjunto e a cidade.

A Cidade do Rio de Janeiro e a Água

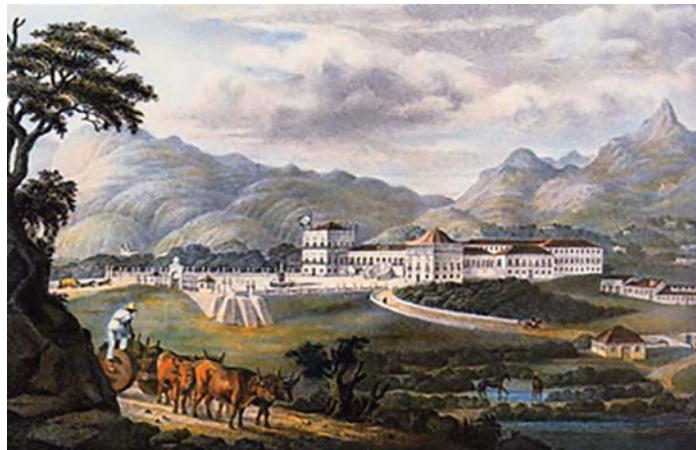
Cercada pela água, a cidade do Rio de Janeiro tem sua criação e desenvolvimento totalmente liga-

dos a esse elemento natural. O mar, os lagos, os rios e mangues são testemunhas das mudanças que ocorreram desde o primeiro núcleo da cidade até a conformação da paisagem como é conhecida atualmente.

Apesar da forte presença de água na região, Abreu (1992) aponta que problemas de abastecimento de água na cidade do Rio de Janeiro existem desde seu núcleo fundacional, uma vez que a cidade estava situada sobre uma região que não oferecia água própria para consumo. A água encontrada no subsolo apresentava uma quantidade de sal além da aceitável para água doce, sendo, portanto, salobra. A presença de pântanos e brejos na região indicavam ainda a existência de água brejosa ou paludosa, também imprópria para o consumo.

O sistema de captação e distribuição de água na cidade fazia uso da mão de obra escrava, com o trabalho dos chamados “escravos aguadeiros” encarregados do transporte diário de barris de água na cabeça, que coletavam a água no “curso no alto curso do rio Carioca” para fazer a distribuição na cidade (ABREU, 1992). Na litografia da Figura 1, de Karl Robert, Barão de Planitz (1835-1840) está o desenho da Quinta da Boavista, tendo um carro de bois no primeiro plano da imagem e ao fundo pode ser observado o pico da Tijuca.

Figura 1: Litografia aquarelada do Palácio da Boa Vista



Fonte: Planitz, Karl Robert, Barão de, 1835-1840.

A observação da imagem pode sugerir a origem do nome Boa Vista, principalmente se associada a imagens que indicam a presença da enseada de São Cristóvão, trazendo o mar às proximidades do Paço (Figura 2). Na partir da pintura da Figura 2, nota-se à esquerda da imagem e ao alto, o Lazareto, antiga sede da Fazenda dos Jesuítas. Ao fundo está a praia de São Cristóvão, completando a Boa Vista.

Figura 2: Vista do Saco do Alferes e de São Cristóvão



Fonte: Steinmann, Johann Jakob, 1834.

¹Fotografia de. Autor: In: Gilberto Ferrez. Iconografia do Rio de Janeiro - Catálogo Analítico 1530-1890 Volumes I e II Edição Casa Jorge Editorial - Rio de Janeiro. <http://historia.jbrj.gov.br/original/foto0012original.jpg>

Mello (2010) aponta as importantes mudanças que a cidade do Rio de Janeiro vivenciou a partir da chegada da Corte portuguesa tanto nos aspectos físicos quanto no comportamento de parte da população. A autora cita a “expansão dos limites geográficos e a atribuição de novas funções a diversos espaços da cidade”. Esse crescimento da cidade, como Capital do Império, promove o aumento da demanda por água e, conseqüentemente, da distância a ser percorrida para obtê-la.

As transformações na cidade aconteceram à medida que o tecido urbano se expandia, e para que tal expansão ocorresse algumas dificuldades foram resolvidas com aterramentos, pois uma das limitações é exatamente a geografia da cidade, situada entre o mar e a montanha. Em consequência do rápido crescimento da população, aumentou a demanda por água, e as obras de ampliação do sistema de abastecimento eram contínuas.

As marcas na paisagem da cidade são formadas por acréscimos e ausências. Inclusive apagando um dos pontos de fundação da própria cidade, marcada pelo desmonte do Morro do Castelo, derrubado para ampliação da região central da cidade, onde hoje sua lembrança se limita basicamente ao nome de seu desaparecimento, Morro do Castelo. Ao passo que outros elementos foram inseridos para suprir a necessidade de água da cidade, como o Aqueduto da Carioca. Obra de infraestrutura mais conhecida atualmente como os Arcos da Lapa, que não apenas resiste ao tempo, mas se transformou em símbolo da cidade do Rio de Janeiro e ampliou o significado dessa arquitetura.

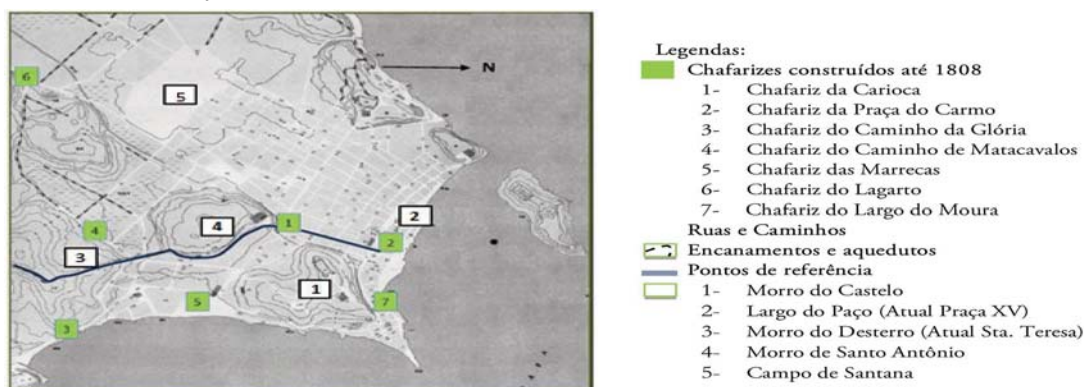
A relação da população do período colonial com esse equipamento era essencialmente de necessidade básica, pois desde os núcleos iniciais havia grande dificuldade em se obter água. À medida que o homem vai buscando na natureza recursos, essas intervenções produzem impactos na paisagem natural. No caso da água, todo o sistema de abastecimento transforma em algum nível essa imagem inicial, desde a captação até sua distribuição. Essa rede de equipamentos (aquedutos, reservatórios, bicas, poços, chafarizes) tenta facilitar o acesso da água nas áreas urbanas centrais da cidade, pois todo esse percurso, desde os mananciais até a população era feito através da mão-de-obra escrava. Esses elementos, a princípio técnicos, também revelam outros aspectos, pois são pontos de interseção entre o ambiente natural e a paisagem cultural. Seu valor para sociedade foi ampliado e reconhecido como patrimônio, no entanto a maioria dessas bicas, reservatórios e aquedutos não contribuem mais para o sistema atual e encontram-se em estado de abandono.

Para compreender a importância tanto no passado como atualmente dessas construções, em destaque os reservatórios, é necessário analisar o contexto socioeconômico do período de criação destas estruturas. Desde a conformação inicial da cidade do Rio de Janeiro o abastecimento de água já era um desafio, conforme apontado por Abreu (1992), à medida que a cidade se expandia essa demanda aumentava, porém os esforços para solucionar o problema não eram suficientes. Fatores como indicadores demográficos incertos, estiagem e desmatamento das matas próximas às nascentes, esse último causado por diversos motivos e mais frequente à medida que a cidade ganhava importância.

O Maciço da Tijuca foi responsável pelo abastecimento de toda a cidade até aproximadamente o final do século XIX, sendo essa uma região onde existia uma variedade de atividades de importância tanto econômica como social, muitas delas incompatíveis, como disse Almeida (2010), com seu propósito mais nobre de fornecer água a toda população. Entretanto, o volume de água disponível ia se reduzindo conforme as plantações de café se estendiam e o produto ganhava relevância, mas não unicamente a terra das florestas era explorada, pois a cidade consumia lenha e pedras retiradas do alto das montanhas. Lá também era refúgio dos escravos que buscavam abrigo nos quilombos. Posteriormente, as fábricas se instalaram na região devido ao acesso fácil a matéria prima para geração de energia.

A primeira tentativa para canalizar as águas do rio Carioca se deu ainda no início do século XVII, no entanto, a construção do Aqueduto da Carioca só foi concluída em 1723, obra entregue com mais de 100 anos após seu início. As águas do rio Carioca agora eram direcionadas para as bicas e chafarizes espalhados pela cidade. Na imagem da Figura 3 é possível observar a distribuição dos chafarizes na cidade do Rio de Janeiro em 1808 e são indicados ainda, para melhor localização, pontos de referência da cidade, dentre eles o Morro do Castelo e o Largo do Paço.

Figura 3: Distribuição dos chafarizes na cidade do Rio de Janeiro, em 1808



Fonte: Frias, Renato Coimbra, 2013.

Apesar do avanço gerado por esse primeiro sistema de abastecimento, ainda era de difícil acesso, pois a população ainda precisava se deslocar até esses equipamentos, e quanto mais distante das freguesias centrais pior era o deslocamento devido às grandes distâncias percorridas e os obstáculos pelo caminho. As transformações espaciais na cidade que ocorreram no período colonial eram decorrentes de ações pontuais para resolução dos problemas da população, as questões de saneamento básico eram um desafio enorme. O escoamento do esgoto era direcionado para os muitos brejos, mangues, pântanos e valas onde eram transportados por mão-de-obra escrava conhecidos como “tigres”. As águas pluviais também causavam transtornos numa cidade em que a elevação em relação ao nível do mar é pouca, ocasionando transbordamentos das valas e por conseguinte, causando alagamentos. Mudanças mais efetivas para resolução de questões ligadas a infraestrutura precária da então colônia se iniciam com a chegada da Corte Portuguesa em terras tropicais.

Ao analisar a Figura 3 é possível identificar a concentração dos pontos de acesso a água captada nas montanhas e direcionada exclusivamente às freguesias centrais. Até 1808 apenas esse núcleo urbano da cidade possuía chafarizes, que eram fontes de fornecimento mais comum de abastecimento d’água, ou seja, as regiões periféricas onde se concentravam a maioria da população de classe pobre e trabalhadora não usufruía desses equipamentos. Este cenário viria sofrer mudanças com o desembarque da realeza, e em pouco tempo a distribuição dos chafarizes se alteraram. Na Figura 4 estão indicados os pontos de coleta de água, os chafarizes existentes até o ano de 1821.

Figura 4: Distribuição espacial dos chafarizes na cidade do Rio de Janeiro, até 1821



Chafarizes construídos até 1821

- 1- Chafariz da Carioca
- 2- Chafariz da Praça do Carmo
- 3- Chafariz do Caminho da Glória
- 4- Chafariz do Caminho de Matacavalos
- 5- Chafariz das Marrecas
- 6- Chafariz do Lagarto
- 7- Chafariz do Largo do Moura
- 8- Chafariz do Campo de Santana
- 9- Chafariz do Catumbi
- 10- Chafariz do Riachuelo
- 11- Chafariz do Largo do Machado

Fonte: Frias, Renato Coimbra, 2013.

Até início do século XIX as regiões que vieram a ser conhecidas, posteriormente, como freguesia de São Cristóvão e do Engenho Velho não possuíam sequer um ponto de acesso a essa água canalizada através do sistema de captação do Rio Carioca. O percurso até os pontos públicos de coleta de água era distante por terra e bastante dificultoso quando feito pelo mar através de canoas pelo Saco de São Diogo, também chamado de Enseada de São Cristóvão. Inicialmente a freguesia de São Cristóvão não possuía chafariz, sendo necessário ir até as freguesias centrais para abastecer (Figura 2). O aterramento do Saco São Diogo em meados séc. XIX facilitou o acesso da freguesia de São Cristóvão às “freguesias urbanas”.

O Abastecimento de Água na Cidade e o Reservatório da Quinta da Boa Vista

O sistema de abastecimento da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX era composto de bicas, chafarizes, reservatórios e poços que faziam parte desse arranjo onde o objetivo era levar a água da nascente até as áreas urbanas para consumo da população. Mas a escassez de água é um problema crônico que começou a ser analisado mais atentamente com a chegada de D. João VI. Com o aumento da demanda por água, os reservatórios e outras estruturas que fazem parte do sistema de abastecimento foram sendo construídos ao longo dos séculos.

A chegada da Família Real em 1808 foi de fundamental importância para uma radical transformação urbana da cidade. Além da importância econômica que o Rio de Janeiro conquistou, a capital da colônia passou a ser morada da nobreza. E para acomodar os novos residentes seria necessária uma revolução de múltiplas frentes para transformar aquela cidade de imagem precária, que refletisse a responsabilidade de ser a sede do império português.

Seria necessária uma mudança estrutural, o modelo de regime colonial é substituído e novas posturas políticas, econômicas e sociais são adotadas. O impacto da transferência da corte para o Rio de Janeiro impulsionou o aumento dos limites da cidade com a criação de novas freguesias e facilitou a conexão ao centro urbano de freguesias como a de São Cristóvão e Engenho Velho que anteriormente se limitavam a atividades agrárias. Os 15.000 novos habitantes da cidade foram residir em grande parte nas freguesias urbanas da região central, já a família real se instalaria na freguesia de São Cristóvão.

A transferência para São Cristóvão se deu por meio de doação da propriedade de Elias Antônio Lopes, comerciante da cidade que possuía uma das maiores residências. Mas o antigo proprietário não saiu de mãos vazias, recebeu uma indenização de quantia considerável pelo gesto, o qual alguns autores julgam de caráter político. Anteriormente, a região era uma fazenda administrada pelos Jesuítas e, posteriormente, confiscada pelo governo depois da expulsão. A área foi dividida em parcelas menores e vendidas. A Quinta da Boa Vista passou então a ser residência de D. João e sua família a partir de 1808,

iniciando um processo de transformação não só da propriedade para melhor acomodar os novos moradores, como de toda a região.

O ritmo das mudanças na cidade se tornou mais acelerado, pois seria necessário executar melhorias em diversos setores para corresponder às necessidades da realeza. Para solucionar um dos problemas da antiga colônia, a Intendência Geral de Polícia, que também era responsável pelas ações de infraestrutura urbana, iniciou enfim as obras de caráter emergencial de abastecimento d'água. O plano de ampliar a captação de novas fontes não era inédito, já havia sido pensado em 1788 por Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes, porém apenas no final de 1808 se iniciou a canalização do Rio Comprido, sua nascente pertencente à vertente da Tijuca.

O novo sistema de abastecimento que estava sendo criado iria beneficiar as localidades dos arredores da cidade, nas Figuras 4 e 6 é possível identificar o Chafariz do Campo de Santana, construído em 1809, que atendia a população residente da Gamboa, Saco do Alferes, Cidade Nova e Valongo. Nesse mesmo ano também foram inaugurados o Chafariz do Catumbi, além das obras de canalização do Rio Comprido e do Rio Andarahy ("velho Maracanã"), em 1817 foi construído o Chafariz do Riachuelo e a Fonte de Matacavalos, em 1818 a Fonte da Lagoa da Sentinela e em 1821 foi construído o Chafariz do Largo do Machado.

É possível notar o crescente número de novos pontos de acesso à água potável que a chegada da Família Real proporcionou, no entanto, essa rapidez teve um custo. Grande parte dessas obras realizadas no sistema de abastecimento d'água do Rio de Janeiro nesse período entre 1808 e 1821 foram respostas emergenciais ao enorme desabastecimento da cidade, logo os sistemas e materiais construtivos foram executados de forma provisória. Resultando em um sistema deficiente, pois nos períodos de escassez ainda faltava água para consumo e nos períodos de fortes chuvas as tempestades causavam extravasamento das valas e movimentavam as calhas, conforme desenvolveu Frias (2013). Nas imagens das Figuras 5 e 6, podem ser observados o Chafariz da Carioca e o Chafariz do Campo de Santana, respectivamente.

Figura 5: Chafariz da Carioca



Fonte: WAGNER, Robert. Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender (1817-1818). Petrópolis, Kapa, 2000.

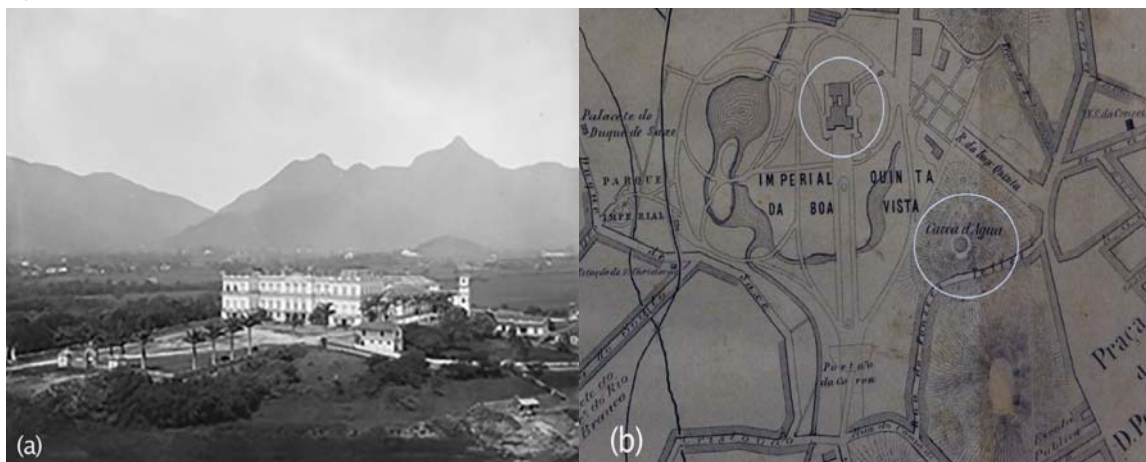
Figura 6:



Fonte: Theremin, Karl Wilhelm Von, 1835.

Em 1860 foi criado um ministério responsável pelas obras públicas, órgão esse encarregado por captar e distribuir água. Tal iniciativa, dentre outras, muito estão relacionadas com uma grave seca que ocorreu entre 1859 e 1860 causando desabastecimentos recorrentes na cidade. A partir desse período foram realizadas uma série de construções de infra estrutura, dentre elas os reservatórios de água da cidade que fazem parte do sistema de abastecimento. A busca intensa para levar água a população fez que o número de equipamentos do sistema saltasse, até o final do século XVIII ainda não havia sido construído nenhum reservatório e a partir da metade do XIX foram edificadas 14 reservatórios nessa ampliação do fornecimento de água para população. O reservatório da Quinta da Boa Vista está localizado no bairro de São Cristóvão, nos arredores do Paço Imperial, atual Museu Nacional. Está situado na Rua Mineira, nº 81, vizinho ao campus de tecnologia da UERJ. As Figuras 7a e 7b mostram o Paço de São Cristóvão (a) e a localização do Paço em relação ao Reservatório da Quinta da Boa Vista, as imagens são datadas próximo ao período de construção do reservatório.

Figura 7: Paço Imperial, na Quinta da Boa Vista (a) e mapa indicando sua localização (b)



Fonte: FERREZ, Marc, 1879-1884 (a) e GARRIGA, Major Bacharel Antônio José Fausto, 1875 (b).

O reservatório da Quinta da Boa Vista foi construído em 1867 na chácara de propriedade João José Duarte e irmãos, localizada na então Travessa do Barro Vermelho nº13, no morro de mesmo nome, qual seja Morro Vermelho. João José Duarte e irmão, receberam em contrapartida à concessão do espaço para

o reservatório, uma pena d'água sem encargos em sua propriedade (INEPAC, 2013). As imagens da Figura 8, permitem observar a vista aérea do reservatório da Quinta da Boa Vista no alto do Morro Vermelho e de seus arredores.

Figura 8: Reservatório da Quinta da Boa Vista, vista aérea do conjunto e detalhe.



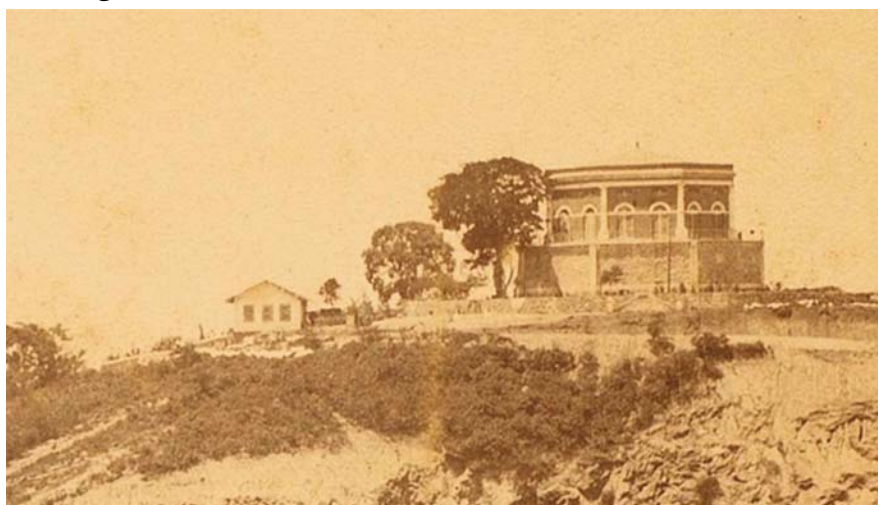
Fonte: Google Maps.

Não foram encontradas outras imagens ou pinturas da época, retratando o reservatório. Essa ausência de imagens poderia ser atribuída ao fato do reservatório estar localizado no melhor ponto de vista da região. As imagens e pinturas que retratam a Quinta da Boa Vista podem ter sido feitas a partir desse ponto. O reservatório possui capacidade de armazenar 630m^3 de água e, de acordo com o INEPAC (2013), "as cotas relativas ao nível da água e ao fundo são respectivamente 211,37m e 207,75m", porém se encontra em estado de abandono e seu funcionamento desassistido e sem controle da CEDAE.

Análise estilística

Trata-se de uma construção com características neoclássicas da metade do século XIX, como simetria e clareza construtiva, formas geométricas e elevação através de escadas. O reservatório da Quinta da Boa Vista, como pode ser observado no detalhe da Figura 9, possui elementos que evidenciam a inspiração na arquitetura clássica, dentre eles, alguns podem ser observados na imagem como o uso da proporção e da simetria e, ainda, sua planta geométrica.

Figura 9: Detalhe do reservatório da Quinta da Boa Vista

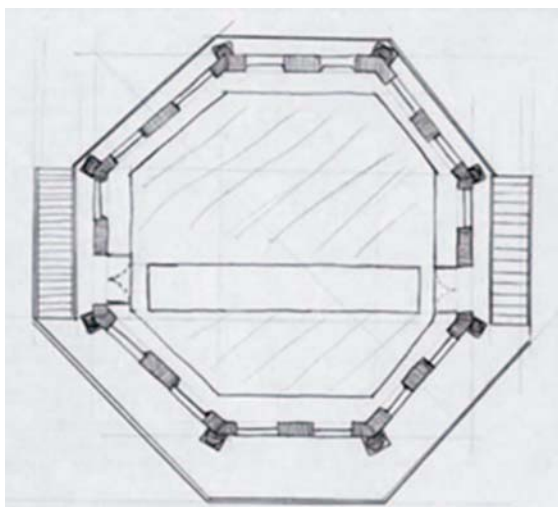


Fonte: Pacheco, Joaquim Insley, 1830-1912.

A partir da imagem da Figura 9 é possível notar, como indica o INEPAC (2013), que o conjunto que compõe a área do reservatório conta também com jardim, caixas d'água e residências. Também se pode observar que originalmente a edificação possuía uma cobertura, que foi perdida e não há registro de sua estrutura original. O Inventário de Identificação dos Reservatórios da CEDAE (INEPAC, 2013) descreve de forma detalhada, inclusive o interior do reservatório.

A forma octogonal e os detalhes de acabamento fazem a beleza deste reservatório construído em alvenaria de tijolos e assentado sobre patamar também octogonal, formado por paredes duplas de blocos de pedra. O acesso a este patamar é feito por duas escadas em pontos simétricos que chegam até às varandas que circundam o reservatório. Duas portas em lados opostos dão acesso ao interior da edificação que abriga as caixas d'água. Uma grossa parede divide o reservatório em duas bacias e serve também de passagem entre os dois extremos. Esta passagem é pavimentada com peças de mármore branco e preto assentadas diagonalmente. (INEPAC, 2013). Na planta baixa do reservatório, apresentada na Figura 10, é possível observar as duas escadas que dão acesso à varanda superior que circunda o octógono. A passarela de inspeção também pode ser observada ligando as duas portas da construção.

Figura 10: Planta baixa do reservatório da Quinta da Boa Vista



Fonte: INEPAC, 2013.

As fotografias (INEPAC, 2013) do interior reservatório da Quinta da Boa Vista (Figuras 11a e 11b) possibilitam a visualização do ritmo e da repetição dos elementos no interior do espaço. Outros elementos característicos do movimento neoclássico também podem ser notados, como por exemplo, o uso de materiais nobres como o mármore preto e branco na passarela sobre a água no interior do espaço.

]

Figura 11: Vista interna do reservatório da Quinta da Boa Vista



Fonte: INEPAC, 2013.

O ritmo e a repetição são marcantes e a presença da passarela revestida com mármore branco e preto marca a divisão das duas bacias que compõem o conjunto. A partir da análise do conjunto de todos os elementos observados anteriormente uma clara leitura dessa arquitetura em estilo neoclássico, onde se pode compreender através da imagem na Figura 12.

Figura 12: Vista aérea do reservatório



Fonte: O Globo, 2016.

Resultados e Discussões: Proposta de Intervenção

A proposta prevê a retomada do uso original do patrimônio com a devida assistência e manutenção da concessionária de abastecimento, pois é importante que essa atividade original seja parte da dinâmica de conscientização ambiental e patrimonial da população. Além da reabilitação do bem para

reativação, faz parte da proposta adequar o espaço para inserção de um novo uso, como um ambiente de lazer e cultura que incentive a visitação do bem e a permanência no local.

Para complementação desse projeto de requalificação será previsto uma exposição permanente nos jardins e um espaço de apoio aos visitantes com a proposta de um café e sanitários. O objetivo do projeto é reativar o patrimônio e integrar o espaço através da acessibilidade, criação de novos acessos e incentivo de atividades que atraiam tanto a população local como visitantes, assim disseminando conhecimento e informação sobre a importância de temas como sustentabilidade e patrimônio cultural através desse ambiente único e encantador.

Conceituação Teórica

Para direcionar o projeto de restauro foi feita uma análise socioeconômica e política, pois, segundo Brandi (2008), essa atividade é um exercício de três tempos, passado presente e futuro. A partir disso a proposta de um novo uso adequado já se constitui uma intervenção, como observou Boito ainda no início do século XIX. No entanto, conceitualmente os novos elementos criados se aproximam mais das teorias do restauro crítico, a partir da abordagem brandiana, onde os acréscimos (no terreno) propostos terão tanto em forma como materialidade os conceitos de distinguibilidade e reversibilidade. Já no que diz respeito à intervenção no bem em si, a proposta seguirá de modo a consolidar a matéria, recompor algumas partes como argamassa de revestimento externo, mas não se propõe a refazer elementos perdidos como a cobertura e esquadrias.

O conceito dessa proposta é possibilitar de alguma maneira um tipo de encontro onde o passado acompanhe a vida cotidiana, e que diga a respeito do presente diretamente, assim como apresentou Lina Bo Bardi (1992) sua ideia de presente histórico. Esse entendimento temporal da autora é definido da seguinte forma:

É preciso se liberar das “amarras”, não jogar fora simplesmente o passado e toda a sua história; o que é preciso é considerar o passado como presente histórico. O passado, visto como presente histórico, é ainda vivo, é um presente que ajuda a evitar as arapucas... Frente ao presente histórico, nossa tarefa é forjar outro presente, “verdadeiro”, e para isso não é necessário um conhecimento profundo de especialista, mas uma capacidade de entender historicamente o passado, saber distinguir o que irá servir para novas situações de hoje que se apresentam a vocês e tudo isso não se aprende somente nos livros. [...] Na prática, não existe o passado, o que existe é o presente histórico. (BARDI, 1992, p. 61-62).

Dentre os resultados apresentados nesse trabalho podem ser apontadas 4 vertentes distintas: a primeira delas trata do Museu do Reservatório da Quinta da Boa Vista com a proposta de ação de restauro e gestão do sítio, a criação de um espaço de apoio envolvendo um café, uma lojinha e sanitários. A abertura de uma entrada diretamente conectada ao campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ representa uma forma de agregar a sensação de pertencimento e um uso maior do espaço, contribuindo para a manutenção de um Museu Vivo.

Existe ainda uma ação específica voltada para as caixas da água que compõem o reservatório. A proposta é fornecer uma cobertura transparente para o elemento água para prevenção de contaminação, uma vez que o projeto não envolve a reconstrução de uma cobertura nos moldes daquele existente para o reservatório. A proposta é que um painel transparente seja sobreposto a própria passarela que divide as caixas d'água e que permita a visibilidade tanto da água quanto da passarela. Esta ação permite uma

integração maior dos usuários com o conjunto. A partir do envolvimento da CEDAE e tratamento da água além da reativação do chafariz que fazia parte do conjunto.

A terceira intervenção envolve o percurso que será desenvolvido a partir da entrada pela Av. Rotary Internacional. Este será acompanhado de painéis que contêm a história do caminho das águas na cidade do Rio de Janeiro, passando pelos “escravos aguadeiros” e chegando até o reservatório. Para isso conta-se com os jardins existentes que ainda permanecem arborizados, inclusive com espécies arbóreas de porte médio, o que permite contar com um sombreamento e a instalação de bancos e de espaços agradáveis ao longo da subida. A quarta ação remete à criação de Guia com os caminhos das águas na cidade do Rio de Janeiro inspirado nos painéis do percurso do Museu da Água da Quinta da Boa Vista. Desta forma é apresentada a proposta volumétrica para o conjunto com suas diretrizes iniciais.

Atualmente o Reservatório da Quinta da Boa Vista possui apenas um acesso através da Rua Mineira, conforme identificado na Figura 13, sendo o último endereço tendo em vista que é uma rua sem saída. Essa mesma entrada é extremamente restrita pois um trecho da rua foi fechado pelos moradores tornando assim o acesso que seria em via pública, em uma entrada particular visto que é necessário o uso de chaves para passar pelo portão da Rua Mineira. Tendo em vista as dificuldades de se adentrar no terreno de propriedade da CEDAE o reservatório se encontra totalmente isolado.

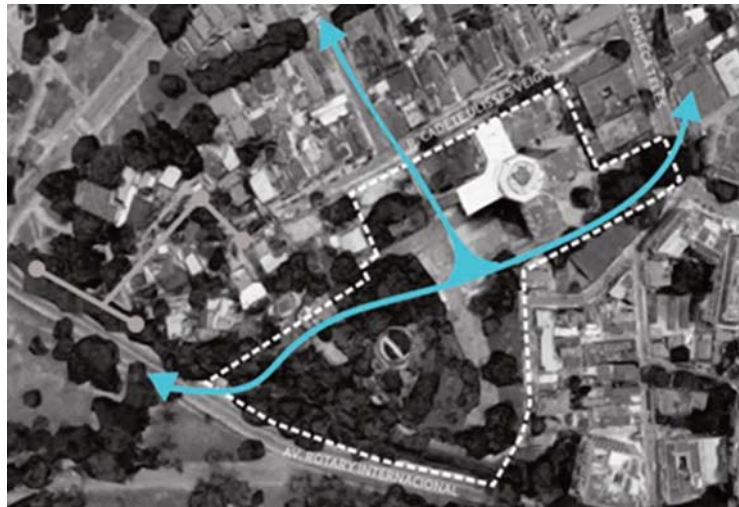
Figura 13: Terrenos da UERJ e do Reservatório



Fonte: autora, 2021 – adaptado de Google Maps.

A UERJ possui um campus que faz divisa com a edificação analisada, e dispõe de duas entradas, o acesso principal pela Rua Fonseca Téles e uma entrada secundária que se dá pela Rua Cadete Ulisses Veiga como observado na Figura 13. Para melhorar os problemas de acesso e isolamento do reservatório se propõe a integração dos terrenos da UERJ e do futuro museu. A Figura 14 demonstra os novos fluxos que serão criados e fortalecidos. Essa incorporação trará benefícios para ambas as instituições e seus frequentadores. Além dos novos acessos a proposta irá incluir e melhorar os caminhos alternativos criados pelos moradores do entorno, que liga a Av. Rotary Internacional a R. Cadete Ulisses Veiga.

Figura 14: Proposta de integração



Fonte: Autora, 2021 – adaptado de Google Maps.

No projeto o acesso principal foi desenhado seguindo uma parte dos caminhos que já existe, essa continuidade trará familiaridade a população local e atrairá os visitantes. A proximidade com um dos portões de entrada da Quinta da Boa vista é estratégica, logo a entrada pela Av. Rotary Interacional é o endereço ideal para conduzir por um percurso por entre as árvores até o alto do morro.

Ao longo do caminho até o reservatório serão instaladas três estruturas de apoio ao visitante, esse dispositivo terá um painel que servirá para contar a história do abastecimento de água da cidade do Rio de Janeiro. Esse módulo possui cobertura e banco para oferecer mais conforto aos usuários, e na Figura 15 fica claro como esse circuito facilitará a conexão do Museu da Água da Quinta da Boa Vista ao seu entorno.

Figura 8: Planta de situação do projeto



Fonte: Autora, 2021.

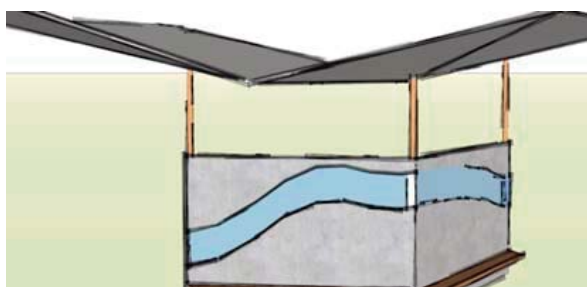
As edificações existentes no terreno, observadas em vermelho na Figura 15, receberão uma remodelação para abrigar o programa técnico, como salas de administração, almoxarifado e sanitários. A princípio esses espaços serão suficientes tendo em vista que a exposição aconteça na área externa, ao redor

do reservatório, aproveitando toda sua extensão arborizada e jardins com a instalação dos módulos espalhados pelo terreno.

A partir de um módulo base é possível a criação de diferentes estruturas, que atenderão as necessidades dos visitantes, como bancos (Figuras 16 e 17) e mesas, e uma cafeteria e uma pequena loja de souvenirs. Esse café será um ponto de encontro tendo em vista que um campus universitário gera um grande fluxo de alunos, professores e funcionários, esse público será um dos principais ativadores e responsáveis para que o museu vivo faça parte da rotina seja uma extensão da universidade.

O estudo da forma inicial para os módulos de acréscimos foi pensado a partir de elementos geométricos que remontam ao reservatório pelas linhas geométricas, mas com a utilização de materiais como a madeira, vidro e o concreto aparente, compondo um objeto evidentemente distinto do existente.

Figura 16: Módulo de banco e painel



Fonte: autora, 2021.

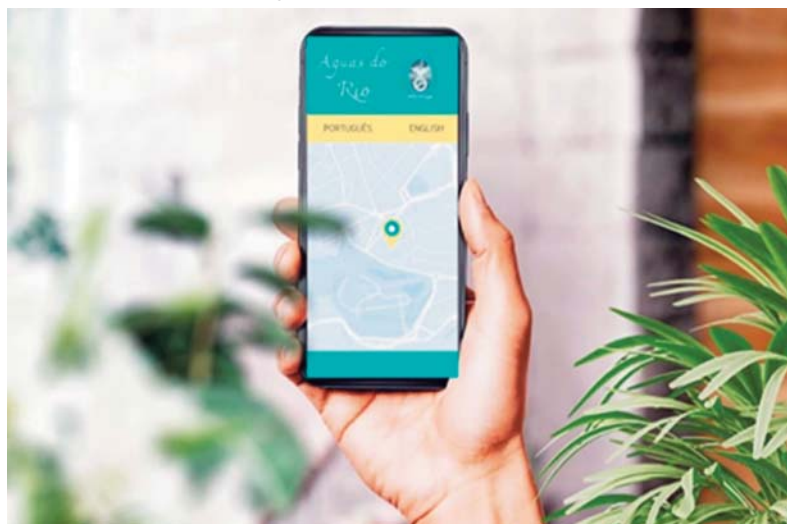
Figura 17: Vista do início do percurso



Fonte: autora, 2021.

Além da estrutura física, os visitantes do Museu da Água da Quinta da Boa Vista contarão com um aplicativo (Figura 18) que contém todos os *check points* do passeio, como o café e o mirante, o mapa com a localização e a respectiva história de cada reservatório tombado. O aplicativo desenvolvido para guiar os usuários permite uma experiência mais participativa e única.

Figura 18: Guia Virtual



Fonte: autora, 2021.

A proposta para o edifício do reservatório prevê a consolidação das alvenarias, vãos das esquadrias e os guardas corpos da varanda. O projeto não prevê a construção de uma nova cobertura, mas sim de um piso de vidro que cobrirá todo o interior da edificação. Essa estrutura fará a proteção da água das bacias e do piso original em mármore, e ainda possibilita a ampliação do espaço transitável pois permitirá a circulação dos visitantes sem perder a conexão com a água presente ali, pois essa cobertura será em vidro transparente apoiado em um sistema de aço corten como demonstra a Figura 19. Essa ação de cobertura das bacias é imprescindível para retomada do uso da edificação como reservatório, dessa forma com a água livre de possíveis contaminantes externos e a concessionária responsável pelo equipamento é encarregada de manter a manutenção e o funcionamento do sistema.

Figura 19: Vista interna do piso de vidro do Reservatório



Fonte: autora, 2021.

Consideração Finais

A importância de se preservar os equipamentos de infraestrutura, que um dia foram essenciais pois carregam a água potável para população, sendo ainda hoje necessários também representam toda a história do sistema de abastecimento da cidade do Rio de Janeiro. O panorama geral da evolução da forma de captação e distribuição, visto desde o início de século XVIII até meados do século XIX, foi imprescindível para o entendimento acerca do tema.

Após desse panorama geral constatamos que a lentidão de se responder as demandas da população por água potável era devido aos muitos conflitos entre os setores públicos e privados. Os avanços eram executados sem o devido planejamento, ocasionando obras frequentemente com caráter "provisório" tendo em vista a urgência de atender as demandas de água na cidade que expandia em uma velocidade maior que o sistema suportava, ocasionando frequentes períodos de desabastecimento.

Preservar essas estruturas históricas é também manter viva essa história, que através do ponto de vista da busca pelo elemento vital foi crucial para a transformação e desenvolvimento da cidade. A análise histórica foi fundamental para propor medidas de conservação desse relevante patrimônio cultural da cidade, ainda desconhecido pela população.

Uma maneira de conectar parte dessa memória é integrar o patrimônio histórico ao cotidiano da população e uma das formas de promover a conexão desse projeto foi a abertura de novos acessos ao Reservatório da Quinta da Boa Vista. Os novos caminhos unem o objeto de estudo ao campus da UERJ em São Cristóvão, o café criado é um atrativo a mais incorporando ao cotidiano dos estudantes da instituição um novo ponto de encontro, o ambiente expandido da universidade.

A partir do Inventário de Identificação do Reservatório de São Cristóvão, realizado pelo INEPAC, foi possível elaborar a partir do estado de conservação da edificação através das fotografias e elencar as principais patologias, para assim recomendar, em teoria, ações de proteção ao bem. Novas informações e dados encontrados sobre o objeto de estudo do presente trabalho também poderão ser incluídos na ficha de identificação elaborada pelo órgão de proteção estadual.

Para que o reservatório recupere seu uso original foi desenvolvido uma proposta de intervenção no edifício que além de viabilizar suas funções técnicas de armazenagem da água nas bacias, possibilita a associação ao novo uso do espaço. A cobertura transparente amplia a experiência dos visitantes permitindo a aproximação visual da água. Os novos elementos projetados auxiliam na estrutura, esses módulos criados servem de tela para contar a história dos caminhos que a água percorre, de maneira a promover o movimento das pessoas em um fluxo contínuo através dos expositores posicionados por todo terreno. Esses percursos podem ser integrados aos circuitos existentes desenvolvidos por iniciativas dos demais patrimônios existentes na região, ampliando o alcance e fortalecendo a educação patrimonial do bairro. É possível a continuidade deste estudo tendo em vista que existem, para além do objeto analisado, os demais reservatórios que constam no Inventário de Identificação dos Reservatórios da CEDAE.

Será disponibilizado aos visitantes do museu, diversos materiais personalizados de apoio tanto virtual quanto físico para aumentar a qualidade da experiência de imersão ao conteúdo do tour. Nos principais pontos de acesso ao Museu da Água da Quinta da Boa Vista serão oferecidos aos visitantes guias contendo o circuito dos reservatórios e suas histórias. Além disso a população poderá realizar um tour virtual através de aplicativo desenvolvido exclusivamente para orientar e informar acerca do conteúdo, despertando ainda mais o interesse pela história das águas, suas origens e a importância da preservação.

A água, patrimônio líquido, foi o elo que possibilitou o desenvolvimento do presente trabalho ao unir o passado e o presente através de ações de intervenção com a intenção de sua distribuição, que im-

pactaram diretamente a história da população da cidade do Rio de Janeiro. Tais ações resultaram em um sistema de abastecimento composto de diversos equipamentos, obras como aquedutos, reservatórios e chafarizes, essenciais para o acesso a água, esse elemento vital da existência do ser humano.

Referência Bibliográfica

- ABREU, Maurício. *A cidade, a montanha e a floresta*. In: Abreu, M. de A. A. (Org.) *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- ALMEIDA, Gilmar. *A Domesticação da água: os acessos e os usos da água na cidade do Rio de Janeiro entre 1850 a 1889*. 207f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- BARDI, Lina. Uma aula de arquitetura. Projeto, n. 149, p. 60-62, jan./fev. 1992
- BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. Tradução de Beatriz MugayarKühl. Cotia - Ateliê Editorial, Coleção Artes & Ofícios, 2008.
- FRIAS, Renato. *Abastecimento de água no Rio de Janeiro joanino: uma Geografia do passado*. 76p. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- INEPAC, 2013 - Instituto Estadual do Patrimônio Cultural Secretaria de Estado de Cultura – RJ. *Inventário de Identificação dos Reservatórios da CEDAE: Reservatório da Quinta da Boa Vista ou de São Cristóvão ou do Barro Vermelho*. Disponível em: http://www.inepac.rj.gov.br/application/assets/img/site/6_ficha_quintadaboavista.pdf. Acesso em: 05 mai. 2021.
- MELLO, Juliana. O abastecimento de água da cidade do Rio de Janeiro durante o período Joanino. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. n.4, p.159-16, 2010.